

## A BOCA AMORDAÇADA THE MOUTH GAGGED

Patricia Zangaro



Patricia Zangaro

**Escola Metropolitana de Artes Dramáticas (EMAD)**  
Dramaturga. Formada pela Escola Municipal de Arte Dramática, depois continuou sua formação com Osvaldo Dragún, Mauricio Kartun e José Sanchis Sinisterra. Como dramaturga, trabalhou para o Teatro Municipal General San Martín e Teatro Nacional Cervantes. Recebeu os seguintes prêmios: Primeiro Prêmio Municipal (1986-1988), Leónidas Barletta (1991 e 1996), Trinidad Guevara (1996), Pepino 88 (1995-1996), La scrittura della differenza (Itália, 2008), entre outros .

Patricia Zangaro

**Metropolitan School of Dramatic Arts (EMAD)**

Playwright. Formed by the Municipal School of Dramatic Art, later continued its formation with Osvaldo Dragún, Mauricio Kartun and Jose Sanchis Sinisterra. As a playwright, she worked for the General San Martín Municipal Theater and Cervantes National Theater. He received the following prizes: First Municipal Prize (1986-1988), Leonidas Barletta (1991 and 1996), Trinidad Guevara (1996), Pepino 88 (1995-1996), La scrittura della differenza (Italy, 2008), among others.

**A BOCA AMORDAÇADA** estreou, com tradução para o francês de Francoise Thanas, no Festival de Avignon 1999, e no Festival Internacional de Buenos Aires 1999, dentro do espetáculo "La confesión", com direção de Michel Dydin e Véronique Bellegarde. Em Buenos Aires foi interpretada pela atriz Cristina Banegas.

## A BOCA AMORDAÇADA

Patricia Zangaro

Uma mulher, enrolada em um trapo escuro.

MULHER: Tenho quarenta anos. Meu nome... prefiro não dizer. Ainda que se veja esta ruga, como um talho, na minha testa, ainda tenho as carnes de uma menina. É verdade que os filhos devoraram meus seios... e que meu ventre é um campo de batalha... Mas, minha pele treme com a menor carícia... Talvez você queira meter sua mão sob minha blusa... se isso fosse permitido... Disse que tenho quarenta anos? Meu pai me pôs o nome de sua mãe, que era também o de sua avó... Prefiro não dizer, se isso não o incomoda... Já falei do meu marido? Ele tem o cabelo grisalho... Sua cabeça... já era grisalha o dia do casamento... Me tornei sua esposa aos quatorze anos... Eu tinha o cabelo preto... uma trança lustrosa até as coxas... Mas, ele sempre teve o cabelo grisalho... e uma casa, com um curral e um celeiro... Meu pai quis que meus filhos se criassem na abundância... E assim foi... Graças ao meu pai, tenho um bom marido... Não sei se disse que meu esposo era viúvo... Sua mulher morreu num parto... eu não morri em nenhum... Magnífico tinha nove anos quando se festejaram minhas núpcias... Disse que Magnífico é meu enteado?... Nove anos e o cabelo bem escuro... Cresceu calado pelos cantos... Seu pai o mandou, uma tarde, a chacinar porcos... Era um homem quando voltou sujo de sangue... Me abraçou na tina enquanto eu lhe dava um banho... Desde então, ele me procura pelas costas do seu pai... os primeiros dias com vergonha... nos últimos anos com desespero... Nos amamos nas penumbras, com ardores rápidos... a boca amordaçada... Chorei alguma vez... por culpa... muitas vezes de terror... mas, as outras chorei de desejo... uma faca enterrada entre as pernas... E sempre encontrei alívio no corpo, na sombra do Magnífico... Falei de sua serpente em brasas? De suas investidas e sacudões? Imagine um gato arrepiado nas entranhas? O ataque cego de um javali? Nunca meus lábios estiveram tão brandos, nem tão inquieta minha cintura... Nunca antes... Com meu esposo... devo confessar... nunca estes espasmos... nem a pele curiosa... nem o riso solto... Sendo um homem tão bom... com o cabelo tão grisalho... tem olhos como chicotes... Você gostaria de saber se estou arrependida... Às vezes... pelos meus filhos... sofri... Fui esquecendo deles na paixão

surda do Magnífico... Tomaram sopas frias, tiveram as bundas assadas, piolhos... O menor chora pelas noites... Tem o cabelo super preto... Gostaria de abraça-lo agora... mas, é tarde... amanhã na praça verá a execução... não são coisas que possa ver uma criança... não acha? Seu pai diz que é um bom exemplo... Vai obriga-lo a olhar até o fim do suplício... Vão nos amarrar um ao outro... Sentirei a respiração do Magnífico quando o verdugo levante o braço... Nos olharemos antes de que sobre nós caia a lapidação... Uma pedra afiada me arrancará os seios... Meu filho vai querer virar a cabeça, mas, seu pai vai obriga-lo a cravar seus olhos negros nos meus... Me destroçarão lentamente com pedradas, e ainda me doerá o sexo esfolado do Magnífico... Me arrebentarão os olhos e a boca... Me afogarei no meu próprio sangue... e como se não morrer, terá meu filho que contemplar minha agonia... Talvez alguém tenha piedade, e com a pedra mais pesada me aplaste a cabeça... Me aterra a dor... Desde pequena chorava durante com os castigos... Poderei suportar o tormento com decoro?... Os olhos de meu filho, me afligem... Mas, mais me aflige que depois do martírio, e da morte... nunca... nunca mais... poderei gozar do corpo do Magnífico...